

Recuperação de foto tirada, há anos atrás, nas festas de Santo Estêvão

que, para além de cumprir com a função social inerente a qualquer desporto, possa ser motivo de orgulho, por estarem a homenagear os seus antepassados: homens que, na sua simplicidade e rusticidade, encontraram neste jogo o sentido lúdico, de lazer e de competição, são e fraternos essenciais à vida em comunidade”.

A justificar, o professor assinala que, “embora, aparentemente, agressiva, esta actividade desportiva não tem provocado qualquer lesão nos seus alunos, decorridas mais de 15 horas de aulas. E, pela sua apreciação, a imagem que fica é que os alunos “participam, empenham-se, divertem-se e até querem ficar para além da hora”.

**Regulamento em fase de preparação**

Agilidade, força e sobretudo criatividade são os elementos chave que ditam o sucesso de quem pratica a “Galhofa”. Por isso, na hora de iniciar uma luta é necessário ter em conta o peso do adversário, já

que uma grande diferença pode favorecer exageradamente o mais pesado.

Para já está a ser desenvolvido um regulamento que integrará diferentes escalões de competição, como acontece com outras modalidades.

Também as técnicas de jogo têm vindo a ser registadas e compiladas pelo professor ao longo das aulas. Algumas surgem naturalmente, já outras fazem parte da lembrança de José Bragada, um antigo praticante do tradicional jogo. Acima de tudo, como afirmou, é preciso usar a criatividade e pensar.

“Quando o adversário nos agarra temos de pensar qual a melhor forma de escapar, como conseguiremos dominá-lo. Isso vai surgindo, de forma dinâmica, pela observação do contexto. Não há técnicas decoradas”, explicou, sublinhando a diferença desta luta transmontana para com as lutas orientais.

**Projectos futuros**

Se do lado dos alunos já foram

ganhos adeptos, agora o objectivo de José Bragada passa por dar a conhecer a “Galhofa” a toda a comunidade. Para além do regulamento, o professor tenciona elaborar, conjuntamente com os alunos, um símbolo dedicado à luta. Outra das propostas a concretizar até ao final do ano é a elaboração de um site na Internet.

Depois, no dia 7 de Junho, no Dia do Desporto, patrocinado pela autarquia municipal, será realizado, no Ginásio da Escola Superior de Educação, o primeiro

torneio de “Galhofa” aberto a toda a comunidade, no qual participarão os alunos e alguns “lutadores” das aldeias que ainda hoje mantêm a tradição.

Posteriormente, a “Galhofa” será divulgada nas escolas, junto das crianças, nas aulas de Educação Física ou no Desporto Escolar, de forma a fomentar a prática da modalidade.

Caso haja adesão por parte dos mais jovens, José Bragada tenciona ainda criar um Clube da Galhofa e permitir que toda a comu-

nidade possa praticar esta luta nas instalações do IPB, uma ou duas vezes por semana.

As expectativas do responsável são, a longo prazo, a transformação da “Galhofa” numa actividade desportiva que possa concorrer com o judo, o karaté ou outras modalidades de desportos de combate que são actualmente, muito atractivas para a juventude mas que “não têm a riqueza desta, que é original da região”, frisou.

■ Carla A. Gonçalves



**“Galhofa” – o resquício da antiga luta greco-romana**

A “Galhofa” é uma luta que não se sabe bem como terá surgido, mas acredita-se que seja um resquício da antiga luta greco-romana, com muitas semelhanças à luta leonesa, da região de León, em Espanha.

Realizava-se apenas na altura do Natal, inserida nas Festas de Santo Estêvão e apenas era permitida aos homens. Após as festividades religiosas, um grupo de homens da aldeia reunia-se num curral, com o chão coberto de palha, e os adversários, em tronco nu, apenas vestindo umas calças velhas, lutavam até que um caísse de costas no chão.

Quem participava nestes tomeios era visto como “Homem”, pelo que esta luta poderá estar associada a um rito de passagem para a vida adulta.

Naquela época, a realização de

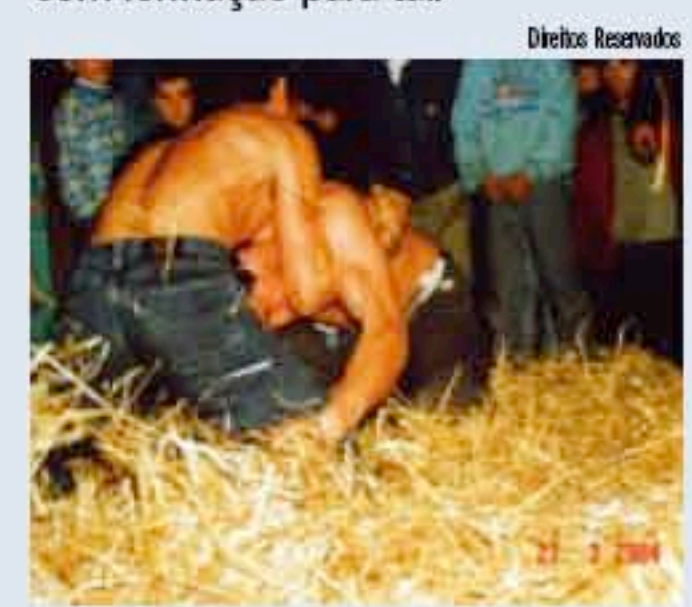
tomeios inter-comunidades, aldeias de ambiente social muito fechado, assumiam uma importância relevante. Aos vencedores era dado um protagonismo semelhante ao do padre ou do professor e a possibilidade de uma afirmação social que, de outra forma, provavelmente nunca alcançariam. Para além disso, as batalhas entre as aldeias, simuladas nos jogos, acabavam, também, por ser um “escape para a agressividade”, elevada



tensão e rivalidade existente entre algumas comunidades.

Motivos que, assim expostos, podem, na opinião de José Bragada, justificar a adaptação e revitalização desta antiga luta, como se fez, atempadamente, em Espanha.

O responsável apontou que a luta leonesa sobreviveu até aos dias de hoje porque se adaptou aos tempos que correm, existindo mesmo uma Federação com regulamentos e regras próprias feitas cumprir por árbitros com formação para tal.



complementar

complementar

**Como nasceu o projecto**

A ideia de transformar a “Galhofa” num desporto de combate reconhecido a nível nacional surgiu no ano passado, no âmbito do 1º Congresso Científico de Artes Marciais e Desportos de Combate, em Viseu.

Ao longo de dois dias, vários profissionais do desporto debateram diferentes desportos de combate e artes marciais, chegando-se à conclusão que existem apenas três modalidades originalmente portuguesas: o jogo do pau; a esgrima lusitana; e a galhofa. Das três, a única que consiste numa luta corpo a corpo é a galhofa transmontana.

José Bragada, sendo natural da aldeia de Grijó, onde este jogo era tradição, quis começar um trabalho de defesa e adaptação da “Galhofa” aos tempos modernos começando por introduzir a modalidade numa disciplina de Desportos de Combate a par com o oriental Karaté.

Com uma adesão positiva por parte dos alunos, a ideia fortaleceu-se e deu-se início a um processo de regulamentação que visa oficializar a Galhofa como actividade desportiva.

Direito Reservado

Direito Reservado